

Índice

Prefácio	7
AFFORDANCES, PERCEÇÃO E AÇÃO	
RELAÇÃO ENTRE ESTIMATIVA E COMPETÊNCIA REAL NUMA TAREFA DE SALTO: DIFERENÇAS ENTRE CRIANÇAS COM BAIXA E ALTA COORDENAÇÃO MOTORA Gabriela Almeida, Carlos Luz, Rui Martins, & Rita Cordovil	11
ASSOCIAÇÃO ENTRE OS NÍVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA, A COMPETÊNCIA MOTORA E A COMPETÊNCIA PERCEBIDA EM CRIANÇAS Vitor Lopes, Cátia Cavaco, José F. Sousa, Carla C. Sá, & Luís P. Rodrigues	17
O QUE É MAIS PROVÁVEL PARA UM BEBÊ QUE GATINHA: CAIR DE UMA MESA OU CAIR NUMA PISCINA? Carolina Burnay & Rita Cordovil	25
ESTRATÉGIAS DE AÇÃO UTILIZADAS POR CRIANÇAS DO 1.º CEB NA PASSAGEM POR ABERTURAS ESTREITAS Mário Brito & Isabel Mourão-Carvalho	33
CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SENSORIAL DE BEBÊS DOS 4 AOS 18 MESES DE IDADE Carina Pedrosa & Isabel Mourão-Carvalho	39
DESENVOLVIMENTO E CONTROLO MOTOR	
AVALIAÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS: SELEÇÃO DE PARÂMETROS MECÂNICOS E ANÁLISE DA VARIABILIDADE INTRINDIVIDUAL Pedro Morouço & Rui Matos	49
CIF-CJ (OMS): UM INSTRUMENTO UNIVERSAL PARA AVALIAR O PERFIL DE FUNCIONALIDADE DA CRIANÇA Lia Jacobsohn	55
HABILIDADES MOTORAS FUNDAMENTAIS E CAPACIDADES COGNITIVAS EM CRIANÇAS DOS 6 AOS 14 ANOS Carlos Luz, Gabriela Almeida, Luis P. Rodrigues, & Rita Cordovil	63
INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA E DA PRÁTICA DESPORTIVA NA APTIDÃO COORDENATIVA DE ADOLESCENTES Jorge Ribeiro & Luís P. Rodrigues	71

- 73 ASSOCIAÇÃO ENTRE A COORDENAÇÃO MOTORA
E O TEMPERAMENTO EM CRIANÇAS DE IDADE PRÉ-ESCOLAR
Joana Pereira, Guida Veiga, & José Marmeleira
- 87 EFEITOS DA PRECISÃO DA INFORMAÇÃO DE RETORNO
SOBRE O RESULTADO NA APRENDIZAGEM MOTORA EM CRIANÇAS
Rui Mendes, Anabela Pedrosa, Fernando Martins, Gonçalo Dias, & Pedro Mendes
- 93 DOMINÂNCIA PODAL: ASSIMETRIAS EM
PARÂMETROS BIOMECÂNICOS APÓS A AQUISIÇÃO DA MARCHA
Paula Rodrigues, Olga Vasconcelos, Denise P. Soares, & Marcelo P. Castro
- 101 DETERMINANTES BISSOCIAIS DA COMPETÊNCIA MOTORA GLOBAL:
UM ESTUDO COM CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR
Linda Saraiva, Luis P. Rodrigues, Rita Cordovil, & João Barreiros
- 109 GRAFOMOTRICIDADE INFANTIL
Rita Carreira & Filipe Melo
- 117 A TRANSFERÊNCIA DAS AÇÕES TÉCNICO-TÁTICAS OFENSIVAS
DO ANDEBOL PARA O CORFEBOL, NO JOGO REDUZIDO DE 5X5
José Santos, António Silva, & Isabel Mourão-Carvalho
- 123 EFEITOS DE UM PROGRAMA DE TREINO NO
DESEMPENHO TÉCNICO E TOMADA DE DECISÃO DE FUTEBOLISTAS SUB-10
Pedro Bento, Filipe M. Clemente, Fernando M. L. Martins, & Rui S. Mendes
- 129 EFEITOS DOS JOGOS REDUZIDOS E CONDICIONADOS
NO DESEMPENHO TÉCNICO DE FUTEBOLISTAS SUB-10
Filipe M. Clemente, Fernando M. L. Martins, & Rui S. Mendes
- 139 JOGOS REDUZIDOS E CONDICIONADOS NO BASQUETEBOL:
INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO TÉCNICO DE PRATICANTES SUB-10
Filipe M. Clemente, Fernando M. L. Martins, & Rui S. Mendes
- 147 EFEITO DE DIFERENTES TIPOS DE INTERVENÇÃO
NA LARGADA EM REGATAS À VELA
João Santos, Gonçalo Dias, Duarte Araújo, & Rui Mendes
- PROBLEMAS E DESORDENS NO DESENVOLVIMENTO**
- 155 ANTROPOMETRIA DA MÃO, FORÇA DE PREENSÃO E DESTREZA MANUAL:
ESTUDO EM CRIANÇAS COM TRISSOMIA 21 E COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO
Anaís Reis, Rui Corredeira, & Olga Vasconcelos
- 163 ANÁLISE DINÂMICA DO USO DA MÃO EM CRIANÇAS DE 3-6 ANOS DE IDADE
COM DESORDEM COORDENATIVA NO DESENVOLVIMENTO,
NA TAREFA *MIDLINE CROSSING*
Ana Arrais, Olga Vasconcelos, & David Catela

ANTROPOMETRIA MANUAL DE INDIVÍDUOS COM SÍNDROME DE DOWN DE 6 A 14 ANOS DE IDADE <i>Aline Souza, Olga Vasconcelos, Raquel Cymrot, & Silvana Blascovi-Assis</i>	169
PREFERÊNCIA MANUAL NA DESORDEM COORDENATIVA NO DESENVOLVIMENTO EM CRIANÇAS DO ENSINO PRÉ-ESCOLAR <i>Ana Arrais, David Catela, & Olga Vasconcelos</i>	175
INTERVENÇÃO EM CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR COM DESORDEM COORDENATIVA NO DESENVOLVIMENTO <i>Ana Arrais, Olga Vasconcelos, & David Catela</i>	183
ISSUES IN DEVELOPMENTAL COORDINATION DISORDER <i>Paula Rodrigues & Olga Vasconcelos</i>	191
AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DE UM PLANO DE INTERVENÇÃO EM MEIO AQUÁTICO NUM ALUNO COM PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO <i>Diogo Vidal, Ana P. Pereira, & Beatriz Pereira</i>	199
O EFEITO DE UM PROGRAMA EDUCACIONAL DE EQUITAÇÃO TERAPÉUTICA NO DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA E EQUILÍBRIO EM CRIANÇAS COM PERTURBAÇÕES DO ESPECTRO DO AUTISMO <i>Joana Vale, Rui Cordeira, Olga Vasconcelos, Paula Rodrigues, Bruno Barros, & Tânia Bastos</i>	205
EDUCAÇÃO POSTURAL: RELAÇÃO ENTRE HÁBITOS POSTURAIIS E DORES MUSCULOESQUELÉTICAS EM CRIANÇAS DOS 2.º E 3.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO <i>Gustavo Desouzar, Rui Matos, Carolina Conceição, & Pedro Morouço</i>	213
DESENVOLVIMENTO EM CONTEXTOS	
BRINCAR E COOPERAR PARA O BULLYING EVITAR <i>Amália Rebelo-Marques, Anabela Ferreira, Ana P. Campos, Ana Valente, Arnaldo Sousa, Carlos Silva, Fátima Carvalho, Kátia Miranda, Liliana Alves, Raquel Leitão, & Sara Pólvora</i>	221
DESEMPENHO MOTOR E BULLYING ESCOLAR EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE ALTA VULNERABILIDADE SOCIAL DA GRANDE FLORIANÓPOLIS – SC <i>Marcela Zequinão, Pamela Medeiros, Thiago Medeiros, Beatriz Pereira, & Fernando Cardoso</i>	227
BULLYING NO DESPORTO. ESTUDO EXPLORATÓRIO A NÍVEL NACIONAL EM MODALIDADES INDIVIDUAIS, COLETIVAS E DE COMBATE NOS ESCALÕES DE FORMAÇÃO <i>Miguel Nery & Carlos Neto</i>	233
JOGO DE ATIVIDADE FÍSICA, COMPETÊNCIA MOTORA E COMPETÊNCIA SOCIAL NA IDADE PRÉ-ESCOLAR <i>Guida Veiga, Carlos Neto, & Carolien Rieffe</i>	239



- 247 **EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA NO CONTEXTO ESCOLAR:
AS ATITUDES DOS ALUNOS SEM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA**
Helena Mesquita, João Serrano, João Petrica, & Pedro Pires
- 255 **SOFTGIS – MAPEADOR DAS MOBILIDADES DA CRIANÇA: UM ESTUDO DE CASO**
Frederico Lopes & Carlos Neto
- 266 **ABORDAGEM INTEGRADA/MISTA DO ESTUDO DA VIVÊNCIA AUTÔNOMA
E ESPONTÂNEA DO ESPAÇO URBANO EM CRIANÇAS DOS 11 AOS 13 ANOS**
Ana Arez, Carlos Neto, & Fernando D. Pereira
- 273 **NÍVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA EM ADOLESCENTES:
A INFLUÊNCIA DOS AMIGOS**
Telmo Correia, José F. Sousa, Carla C. Sá, & Vítor P. Lopes
- 279 **A ORIENTAÇÃO EM CRIANÇAS DOS 3 AOS 5 ANOS:
MUITO MAIS QUE SÓ A IDADE!**
Marisa Barroso, Teresa Bento, & David Catela

social e emocional, ou seja, é utilizado para estar com os amigos mais chegados e com as crianças mais novas do bairro e é também aqui que se encontra o seu local preferido: a sua casa.

Conclusão

Como já foi referido anteriormente, o processo de recolha de dados está ainda a decorrer; no entanto, já nos é permitido referir que esta metodologia permite obter a informação que se pretendia, ou seja, e citando Heft (2010), permite compreender melhor "how environments are experienced by users in the course of action" (p. 22). É possível que a metodologia possa vir a ser utilizada noutros contextos e, a revelar-se dentro das expectativas, poderá vir a ser um contributo importante para a definição de políticas públicas no âmbito do planeamento urbano, tendo em vista o aumento da qualidade de vida das populações.

Referências

- Ahassan, S., Lyden, K., Howe, C., Keadle, S. K., Nwaokemele, O., & Freedson, P. S. (2012). Accuracy of accelerometer regression models in predicting energy expenditure and METs in children and youth. *Pediatric Exercise Science, 24*(4), 519-536. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23196761>
- Castro, F. G., Kellison, J. G., Boyd, S. J., & Kopak, A. (2010). A Methodology for Conducting Integrative Mixed Methods Research and Data Analyses. *Journal of Mixed Methods Research, 4*(4), 342-360. doi:10.1177/1558689810382916
- Clark, C., & Uzzell, D. L. (2002). The affordances of the home, neighbourhood, school and town centre for adolescents. *Journal of Environmental Psychology, 22*, 95-108. doi:10.1006/jevp.2001.0242
- Dal-Farra, R. A., & Lopes, P. T. C. (2013). Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. *Nuances: Estudos Sobre Educação, 24*(3), 67-80. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i3.2698>.
- Evenson, K. R., Catellier, D. J., Gill, K., Ondrak, K. S., & McMurray, R. G. (2008). Calibration of two objective measures of physical activity for children. *Journal of Sports Sciences, 26*(14), 1557-1565. doi:10.1080/02640410802334196
- Evenson, K. R., Wen, F., Hillier, A., & Cohen, D. A. (2013). Assessing the contribution of parks to physical activity using global positioning system and accelerometry. *Medicine & Science in Sports & Exercise, 45*(10), 1981-1987. doi:10.1249/MSS.0b013e318293330e.
- Godinho, M. (2011). Estudo de caso da influência do espaço no comportamento infantil em recreio escolar. Metodologia de observação de affordances integrada com frequência cardíaca e dados GPS. Tese de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa.
- Gong, Y., & Mackett, R. (2008). Visualizing children's walking behaviour using portable global positioning units (GPS) and energy expense monitors. In *Proceedings of the Conference on Virtual Geographic Environments*. Hong Kong: Chinese University of Hong Kong. Retrieved from <http://www.iseis.cuhk.edu.hk/downloads/vge/61.pdf>.
- Heft, H. (2010). Affordances and the perception of landscape: an inquiry into environmental perception and aesthetics. In C. W. Thompson, P. Aspinall & S. Bell (Eds.), *Innovative Approaches to Researching Landscape and Health (Open Space)* (pp. 9-32). London and New York: Routledge Taylor & Francis Group.
- Kyttä, M. (2002). Affordances of children's environments in the context of cities, small towns, suburbs and rural villages in Finland and Belarus. *Journal of Environmental Psychology, 22*, 109-123. doi:10.1006/jevp.2001.0249.

NÍVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA EM ADOLESCENTES. A INFLUÊNCIA DOS AMIGOS.

Telmo Correia², José F. Sousa², Carla C. Sá¹, & Vítor P. Lopes^{1,2}

¹Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano

²Instituto Politécnico de Bragança

Resumo

O objetivo da presente investigação foi analisar as similaridades dos níveis de atividade física (AF) e sedentarismo entre pares de amigos adolescentes. Tratou-se de um estudo transversal que decorreu na primavera de 2012, cujos participantes foram adolescentes de ambos os sexos da cidade de Bragança (Portugal), 330 pares de melhores amigos (n=660), sendo 167 melhores amigos recíprocos e 163 melhores amigos não recíprocos, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos (15,78±1,87 anos de idade). Todos os adolescentes foram avaliados quanto aos seus níveis de AF e de sedentarismo, através de questionário por autorresposta. Os dados foram analisados através da modelação hierárquica linear, testando o *Actor-Partner Interdependence Model* de forma a analisar as semelhanças das díades de melhores amigos no que respeita aos níveis de AF e sedentarismo. Os resultados indicaram semelhança significativa entre pares de amigos na AF global [CCI=0,23 (p=0,002)] e no tempo sedentário diário (TSD) [CCI=0,39 (p<0,001)], em pares de amigos recíprocos, assim como no TSD em pares de amigos não recíprocos [CCI=0,21 (p=0,008)]. **Palavras-chave:** apoio dos pares; relações pessoais; juventude; modelação; reciprocidade.

Abstract

The aim of the present research was to analyze the similarities of physical activity (PA) levels and sedentary lifestyle among pairs of adolescent friends. This was a cross-sectional study which took place in spring 2012, and the participants were adolescents of both sexes from Bragança (Portugal) yielding 330 pairs of best friends (n=660), wherein 167 were reciprocal best friends and 163 non-reciprocal best friends, aged 12 to 21 years (15.78±1.87 years old). All adolescents were evaluated with regard to their levels of PA and sedentary lifestyle, through self-response by questionnaire. Data were analyzed using hierarchical linear modeling, testing the Actor-Partner Interdependence Model in order to analyze the similarities of the dyads of best friends in terms of levels of PA and sedentary lifestyle. The results indicated significant similarity between pairs of friends for the global physical activity [CCI=0.23 (p=.002)] and for the

daily sedentary time [ICC=0.39 ($p < .001$)], in pairs of reciprocal friends, as well as for the daily sedentary time in pairs of non-reciprocal friends [ICC=0.21 ($p = .008$)].

Key-words: peer support; personal relationships; youth; modeling; reciprocity.

Introdução

Os benefícios da atividade física (AF) na saúde e bem-estar quer em crianças e adolescentes quer em adultos estão extensivamente detalhados na literatura (Janssen & LeBlanc, 2010; Reiner et al., 2013; Penedo & Dahn, 2005; Taylor et al., 2004). De acordo com a Organização Mundial de Saúde, o sedentarismo é o principal fator de risco de morte a nível global (WHO, 2014). Apesar dos benefícios da AF na saúde e bem-estar, a investigação indica que a maior parte dos adolescentes não tem níveis de AF adequados (Hallal et al., 2012). É, portanto, premente, descortinar os fatores de adesão à atividade física nos vários escalões etários.

A AF é um comportamento multifatorial complexo que é influenciado por uma variedade de fatores biológicos, comportamentais e do envolvimento e sua interação. Uma revisão sistemática de estudos publicados entre 1999 e 2005 mostrou que a atitude, a autoeficácia, a motivação, a participação no desporto, a influência da família e o suporte dos amigos estavam positivamente correlacionados com os níveis de AF nos adolescentes (Horst et al., 2007).

A influência dos pares e dos amigos nas atitudes, comportamentos e desenvolvimento em geral e na AF em particular, dos adolescentes, é um dos principais fatores.

Os amigos são tipicamente similares num conjunto de características, tais como o sexo, a idade, nível socioeconómico, atitudes e interesses (Daddis, 2008; Haselager et al., 1998; Kiesner, Poulin, & Nicotra, 2003; Poulin et al., 1997; Savin-Williams & Berndt, 1990; Bot et al., 2005). Apesar de o apoio social dos pares ser em geral identificado como um fator positivamente correlacionado com a AF (Duncan, Duncan, & Strycker, 2005; Prochaska, Rodgers, & Sallis, 2002), a investigação sobre o papel dos amigos na adesão à AF é limitada.

O objetivo do presente estudo foi analisar as similaridades dos níveis de AF e sedentarismo entre pares de melhores amigos adolescentes.

Metodologia

Amostra

Foram selecionados por conveniência 914 adolescentes de ambos os sexos que frequentavam entre o 7.º e o 12.º ano de escolaridade (idade média=15,78±1,87 anos de idade) de três escolas secundárias da cidade de Bragança. Foi solicitado a todos os adolescentes da amostra que, além de se identificarem a si próprios, identificassem qual o

seu atual melhor amigo. Através desta identificação formaram-se 330 pares de melhores amigos ($n=660$). Destes pares, 167 eram melhores amigos recíprocos (indivíduo A considerava B o seu melhor amigo, e indivíduo B considerava A o seu melhor amigo) e 163 eram melhores amigos não recíprocos. No total, 277 pares eram do mesmo sexo (152 pares de raparigas e 125 pares de rapazes), e 53 eram de sexo oposto.

Avaliação da atividade física

A avaliação da AF foi realizada através da versão curta do *International Physical Activity Questionnaire* (IPAQ – SV). O IPAQ – SV avalia o tempo total despendido nos últimos sete dias em AF de intensidade vigorosa (AFV), moderada (AFM) e leve (AFL). A soma dos índices das diferentes intensidades de AF, ou seja, AFV + AFM + AFL, permitiu calcular um índice de atividade física global (AFG). Outra componente avaliada pelo IPAQ – SV foi o tempo médio diário de inatividade física (incluindo todas as atividades em que o indivíduo está sentado, deitado mas acordado, a ler, ver televisão, entre outras), expresso em horas, que denominámos de tempo sedentário diário (TSD). Portanto, no fim, temos cinco resultados para cada adolescente, advindos deste instrumento, sendo eles a AFG, AFV, AFM, AFL e o TSD.

Procedimento de análise de dados

Inicialmente realizou-se o cálculo da estatística descritiva para cada indicador resultante dos diversos instrumentos aplicados. De seguida, foi estimado um modelo nulo (sem preditores) através do modelo *Actor-Partner Interdependence Model* (APIM) (Kashy & Kenny, 1999) (Figura 1), para determinar o grau de semelhança em cada indicador de AF e sedentarismo entre os elementos de cada par de amigos (díade) utilizando o coeficiente de correlação intraclasse. O APIM foi testado em cada indicador de AF através de um modelo linear hierárquico utilizando o software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*® (SPSS), versão 21 (IBM Corp. Released 2012. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 21.0. Armonk, NY: IBM Corp). Os diversos modelos foram sempre executados separadamente para díades recíprocas e díades não recíprocas. Todos os testes estatísticos foram considerados significantes com $p \leq 0,05$.

Resultados

Apresentámos os resultados da estatística descritiva das diversas variáveis analisadas, para ambos os sexos. A Tabela 1 apresenta a estatística descritiva das variáveis AFG, AFV, AFM, AFL e TSD. Os rapazes tiveram níveis de AF semanais superiores aos das raparigas em todas as intensidades, e também gastaram em média menos 0,6 horas (cerca de 36 minutos) por dia em comportamentos sedentários quando comparados com elas.

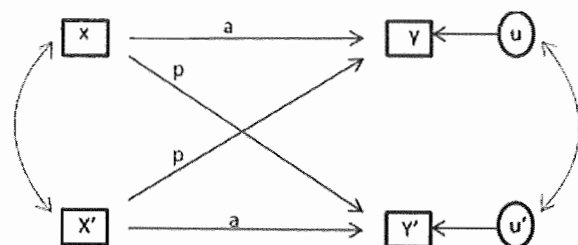


Figura 1. Actor-Partner Interdependence Model (APIM). As linhas horizontais representam os efeitos do ator (a) e as linhas diagonais o efeito do parceiro (p). Adaptado de Kashy e Kenny (1999).

Tabela 1. Média e desvio-padrão das variáveis provenientes do IPAQ – SV, para ambos os sexos.

	Feminino	Masculino
AFG (Met's/semana)	2314,6 (1523,6)	3770,6 (3257,9)
AFV (Met's/semana)	1503,0 (953,0)	2511,7 (2169,5)
AFM (Met's/semana)	682,1 (579,6)	963,3 (803,1)
AFL (Met's/semana)	809,2 (781,6)	991,2 (1404,5)
TSD (h/dia)	10,1 (2,3)	9,5 (2,2)

AFG – atividade física global; AFV – atividade física vigorosa; AFM – atividade física moderada; AFL – atividade física leve; TSD – tempo sedentário diário; Met – equivalente metabólico; h – horas.

Resultados da modelação hierárquica linear

Os resultados do modelo nulo indicaram que em díades recíprocas existiu um coeficiente de correlação intraclasse (CCI) significativo de 0,23 ($p=0,002$) para a AFG, e de 0,39 ($p<0,001$) para o tempo sedentário diário (TSD), sendo que para a AFV, AFM e AFL o CCI apresentou valores não significativos. Em díades não recíprocas o CCI apenas foi significativo para o TSD [CCI=0,21 ($p=0,008$)] enquanto a AFG, AFV, AFM e a AFL não apresentaram um CCI estatisticamente significativo. Portanto, os resultados do modelo nulo indicaram um coeficiente de correlação moderado para AFG em recíprocos, assim como para o TSD em recíprocos e não recíprocos.

Discussão

Considerando que o principal objetivo da presente investigação foi analisar as similaridades dos níveis de AF e sedentarismo entre pares de melhores amigos na adolescência, os resultados indicaram uma semelhança moderada para a AF global em pares de melhores amigos recíprocos, assim como para o tempo sedentário diário, quer em pares de melhores amigos recíprocos, quer em pares de melhores amigos não recíprocos.

A influência dos amigos é um fator relativamente pouco explorado no contexto da promoção da AF (Lopes, Gabbard, & Rodrigues, 2013), ainda que em termos gerais na

literatura os amigos sejam considerados um importante meio de apoio para a AF, tanto na infância como na adolescência. No entanto, parece que a adolescência é um período mais propício ao desenvolvimento de influências por parte dos amigos, pois nesta fase os adolescentes despendem mais tempo com o seu grupo de amigos, aumentando, assim, o potencial para que normas e comportamentos dos amigos possam influenciar os níveis de AF dos seus respetivos pares (Duncan et al., 2007).

O presente estudo foi realizado em adolescentes, com idades entre os 12 e 20 anos, tendo-se verificado que a AFG foi semelhante entre pares de melhores amigos recíprocos. Outras investigações realizadas recentemente apontam para resultados similares (Lopes, Gabbard, & Rodrigues, 2013; Jago et al., 2011; Schofield et al., 2007), comprovando as semelhanças na AF global entre pares de melhores amigos (Jago et al., 2011; Schofield et al., 2007), podendo o grau de semelhança aumentar com a qualidade da amizade (reciprocidade) (Schofield et al., 2007).

Quanto aos comportamentos sedentários, notamos ainda alguma discordância de opiniões (Lopes, Gabbard, & Rodrigues, 2013; Ali, Amialchuk, & Heiland, 2011), pois as semelhanças encontradas, no nosso estudo, ao nível do sedentarismo entre melhores amigos sugerem que a influência dos amigos pode ser determinante nos comportamentos sedentários, mesmo sabendo de antemão que os fatores sociodemográficos são os principais mediadores deste comportamento (Gordon-Larsen, McMurray, & Popkin, 2000), e não tanto os fatores sociais (influência dos amigos).

Conclusão

Verificou-se que os níveis de AF e sedentarismo foram semelhantes entre pares de melhores amigos adolescentes, designadamente ao nível da AF global em pares de melhores amigos recíprocos, e ainda, ao nível do tempo sedentário diário, quer em pares de melhores amigos recíprocos como não recíprocos.

As intervenções práticas de AF em adolescentes devem ter em consideração os melhores amigos, pois estes podem ser um meio efetivo de influência positiva para a prática, através do apoio social para a AF.

Referências

- Ali, M. M., Amialchuk, A., & Heiland, F. W. (2011). Weight-Related Behavior among Adolescents: The Role of Peer Effects. *Plos One*, 6(6).
- Bot, S. M., Engels, R. C. M. E., Knibbe, R. A., & Meeus, W. H. J. (2005). Friend's drinking behaviour and adolescent alcohol consumption: The moderating role of friendship characteristics. *Addictive Behaviors*, 30(5), 929-947.
- Daddis, C. (2008). Similarity between Early and Middle Adolescent Close Friends' Beliefs about Personal Jurisdiction. *Social Development*, 17(4), 1019-1038.

- Duncan, S. C., Duncan, T. E., & Strycker, L. A. (2005). Sources and Types of Social Support in Youth Physical Activity. *Health Psychology, 24*(1), 3-10.
- Duncan, S. C., Duncan, T. E., Strycker, L. A., & Chaumeton, N. R. (2007). A cohort-sequential latent growth model of physical activity from ages 12 to 17 years. *Annals of Behavioral Medicine, 33*(1), 80-89.
- Gordon-Larsen, P., McMurray, R. G., & Popkin, B. M. (2000). Determinants of adolescent physical activity and inactivity patterns. *Pediatrics, 105*(6), e83.
- Hallal, P. C., Andersen, L. B., Bull, F. C., Guthold, R., Haskell, W., & Ekelund, U. (2006). Global physical activity levels: surveillance progress, pitfalls, and prospects. *Lancet, 380*(9838), 247-257.
- Haselager, G. J. T., Hartup, W. W., van Lieshout, C. F. M., & Riksen-Walraven, J. M. A. (1998). Similarities between Friends and Nonfriends in Middle Childhood. *Child Development, 69*(4), 1198-1208.
- Horst, K. V. D., Paw, M. J. C. A., Twisk, J. W. R., & Mechelen, W. V. (2007). A Brief Review on Correlates of Physical Activity and Sedentariness in Youth. *Medicine and Science in Sports and Exercise, 39*(8), 1241-1250.
- Jago, R., Macdonald-Wallis, K., Thompson, J. L., Page, A. S., Brockman, R., & Fox, K. R. (2011). Better with a Buddy: Influence of Best Friends on Children's Physical Activity. *Medicine and Science in Sports and Exercise, 43*(2), 259-265.
- Janssen, I., & LeBlanc, A. (2010). Systematic review of the health benefits of physical activity and fitness in school-aged children and youth. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity, 7*(1), 40.
- Kashy, D. A., & Kenny, D. A. (1999). The analysis of data from dyads and groups. In H. T. Reis & C. M. Judd (Eds.), *Handbook of research methods in social psychology*. New York: Cambridge University Press.
- Kiesner, J., Poulin, F., & Nicotra, E. (2003). Peer Relations Across Contexts: Individual-Network Homophily and Network Inclusion In and After School. *Child Development, 74*(5), 1328-1343.
- Lopes, V. P., Gabbard, C., & Rodrigues, L. P. (2013). Physical Activity in Adolescents: Examining Influence of the Best Friend Dyad. *Journal of Adolescent Health, 52*(6), 752-756.
- Penedo, F. J., & Dahn, J. R. (2005). Exercise and well-being: a review of mental and physical health benefits associated with physical activity. *Current Opinion in Psychiatry, 18*(2), 189-193.
- Poulin, F., Cillessen, A. H. N., Hubbard, J. A., Coie, J. D., Dodge, K. A., & Schwartz, D. (1997). Children's Friends and Behavioral Similarity in Two Social Contexts. *Social Development, 6*(2), 224-36.
- Prochaska, J. J., Rodgers, M. W., & Sallis, J. F. (2002). Association of Parent and Peer Support with Adolescent Physical Activity. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 73*(2), 206-210.
- Reiner, M., Niermann, C., Jekauc, D., & Woll, A. (2013). Long-term health benefits of physical activity – a systematic review of longitudinal studies. *BMC Public Health, 13*(1), 813.
- Savin-Williams, R., & Berndt, T. J. (1990). Friendship and peer relations. In S. S. Feldman & G. R. Elliott (Eds.), *At the threshold: the developing adolescent* (pp. 277-307). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Schofield, L., Mummery, W. K., Schofield, G., & Hopkins, W. (2007). The association of objectively determined physical activity behavior among adolescent female friends. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 78*(2), 9-15.
- Taylor, A. H., Cable, N. T., Faulkner, G., Hillsdon, M., Narici, M., & Van Der Bij, A. K. (2004). Physical activity and older adults: a review of health benefits and the effectiveness of interventions. *Journal of Sports Sciences, 22*(8), 703-725.
- WHO (2014). Physical activity. Fact sheet no. 385. Available from: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs385/en/>.

A ORIENTAÇÃO EM CRIANÇAS DOS 3 AOS 5 ANOS: MUITO MAIS QUE SÓ A IDADE

Marisa Barroso^{1,2,3}, Teresa Bento^{3,4}, & David Catela^{2,3}

¹Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria

²Centro de Investigação e Qualidade de Vida

³Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Instituto Politécnico de Santarém

⁴CIDESD

Resumo

Pretendeu-se verificar qual o número de pontos realizados num percurso de orientação ao ar livre usando uma foto aérea oblíqua, e determinar a influência do tipo de pontos (distintos, não distintos) na ordem de realização do percurso, em 105 crianças entre os três e os cinco anos de idade. Observou-se que, em quatro pontos possíveis, as crianças de 3 anos realizaram um a dois pontos; as de 4 anos, dois a quatro; e a maioria das de 5 anos, os quatro pontos. O ponto distinto foi o mais visitado e o primeiro a ser encontrado. Dos resultados encontrados foi possível concluir que, em orientação, deve ser dada maior atenção à capacidade de uso de mapa da criança do que à sua idade.

Palavras-chave: mapa; crianças; navegação; orientação.

Abstract

This study aimed to verify the number of points achieved by 105 children between 3 and 5 years old in an outdoor orienteering course using an oblique aerial photograph. Moreover, we intended to determine the influence of the type of points (distinctive or not distinctive) in the order of completing the route. It was found that in four possible points, the 3 years old children found one or two points; the 4 years old, two to four; and the most of 5 year olds found the four points. The distinctive point was the most frequented and the first to be found. Our results suggest that in orienteering one should take into consideration the child's ability to use the map and not only his/her age.

Key-words: map; children, navigation, orienteering.

Introdução

No ato de estar orientado, tudo é relativo a tudo e a si próprio; o corpo está num determinado nicho ecológico, onde o fluxo de informação ótica é essencial para estar orien-